

Quem é feliz não adoce: análise do discurso da auto-ajuda da saúde

(The happy are healthy: discourse analysis of self-help on health)

George Henrique Nagamura

genaga.trad@gmail.com

Abstract: In this paper, we analyze the Self-help discourse that deals specifically with health issues (the one that argues that the mind has power to heal the body). The paper dialogues with Brunelli's work (2004), verifying if her hypothesis that the instantiation of certainty is a semantic feature of the Self-help discourse is also valid for the one specific about health issues. To achieve our goals, we have assessed the epistemic modals found in our corpus, and analyzed their sense effects, according to Functional Grammar works, such as Dall'Aglio-Hattner's (1995).

Keywords: *Discourse; Self-help; modality*

Resumo: No presente artigo, analisamos o discurso da auto-ajuda com temática específica sobre a saúde (que se refere ao poder da mente de curar o corpo), realizando um diálogo com o trabalho de Brunelli (2004), ao verificarmos se sua hipótese de que certeza é um traço semântico do discurso de auto-ajuda também é válida para o discurso da auto-ajuda com temática específica sobre saúde. Para isso, realizamos o levantamento dos modalizadores epistêmicos, analisando seus efeitos de sentido, de acordo com os trabalhos funcionalistas como o de Dall'Aglio-Hattner (1995).

Palavras-chave: *Discurso; auto-ajuda; modalidade.*

Introdução

A auto-ajuda é um fenômeno crescente. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, foram 710 títulos produzidos em 2002 e 2,5 milhões de exemplares vendidos. No ano seguinte, foram produzidos 855 títulos, que se multiplicaram em 4,6 milhões de exemplares¹. Dada essa importância, alguns pesquisadores têm se dedicado ao estudo do fenômeno, seja por uma abordagem sociológica, ou mesmo linguística, como, por exemplo, Sobral (2006) e Cercato (2007). Nessa linha, Brunelli (2004) investiga as características desse discurso, embasando-se nas teorias da Análise do Discurso Francesa, em especial na abordagem interdiscursiva de Maingueneau (1984). Nesse trabalho, lança a hipótese de que a manifestação da certeza é um traço semântico positivo do discurso da auto-ajuda. Para checar tal hipótese, Brunelli, primeiramente, realizou uma avaliação, levantando todos os itens lexicais modalizadores em um corpus representativo do discurso de auto-ajuda, para então fazer a contagem e a qualificação de todos os modalizadores epistêmicos. Por meio desse estudo, a pesquisadora constatou que o sujeito enunciador da auto-ajuda não expressava dúvida em seus enunciados, preferindo asserções não-modalizadas, e, nos raros casos em que utilizava modalizadores, elegia aqueles que expressam certeza ou os que produzem um efeito de sentido no qual o sujeito enunciador não se compromete com a avaliação realizada.

¹ TORRES, João Rafael. *Revista do Correio*, Correio Braziliense, 16/4/2006, p. 16

Como dito anteriormente, a literatura de auto-ajuda cresceu, e tem crescido, vigorosamente nos últimos anos. Por esse motivo, multiplicou-se em diversos títulos e, naturalmente, dividiu-se em sub-temas. Surgiram, nos últimos tempos, algumas obras de auto-ajuda que se dedicam especificamente a um único tipo de problema. Em razão desse fato, decidimos verificar se a validade da hipótese lançada pela autora ainda é pertinente para o discurso de auto-ajuda que trata de um tema específico. No nosso caso, trataremos da auto-ajuda sobre saúde. Os livros que formam o nosso cópulus são: Cairo (1999), Pacheco (1983), Trevisan (1998) e Valcapelli & Gasparetto (2003).

A auto-ajuda sobre saúde

O discurso da auto-ajuda da saúde, basicamente, se refere aos textos em que se defende a teoria de que é possível uma pessoa curar-se dos mais diversos tipos de doença e, até mesmo, evitá-las, utilizando, para isso, o poder de sua mente. Podemos citar como exemplo a contra-capítulo do livro de Cristina Cairo, *Linguagem do Corpo*: “Neste livro você encontrará a chave para a cura de todas as doenças”. Também na contra-capítulo, mais adiante: “[no livro] É apresentado um grande número de doenças e suas respectivas explicações psicológicas, para poder então analisar sua própria conduta, corrigindo-a e, conseqüentemente, curar-se definitivamente de todos os males...” (CAIRO, 1999, colchetes meus).

Em geral, os sujeitos enunciadores que aderem a esse discurso baseiam-se nos preceitos da chamada “ciência da Programação Neuro-lingüística”, ou PNL, a mesma utilizada nos livros de auto-ajuda mais abrangentes (ou seja, que tratam tanto da saúde, quanto da prosperidade financeira, familiar, amorosa, etc). Um dos grandes nomes da PNL, o autor Joseph Murphy, por exemplo, é citado em diversos livros do cópulus.

Também, parece constituir esse discurso a apropriação do discurso da psicanálise, em geral, citando os grandes “pais” dessa área da psicologia, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Freud é considerado por muitos aquele que deu origem a uma ciência voltada para o estudo de como a mente poderia gerar doenças, a chamada Psicossomática. Citamos o exemplo do livro de Valcapelli & Gasparetto, *Metafísica da Saúde*: “Freud foi um dos primeiros a perceber que as atividades mentais poderiam modificar as funções normais do organismo, abrindo assim as perspectivas para uma nova ciência chamada Psicossomática”.

Outra forma de caracterizarmos o discurso da auto-ajuda da saúde é fazendo o levantamento de seus enunciados básicos. Fiorin (1988), analisando o discurso dos governos militares, chega a um conjunto de invariantes consideradas os enunciados básicos de tal discurso, isto é, os enunciados que representam todos os enunciados que são efetivamente produzidos. Trata-se de representações dos “conteúdos” do discurso que são saturados no texto por meio de paráfrases.

Destacamos, aqui, dois enunciados básicos pertinentes à nossa discussão: primeiramente, o de que “as emoções negativas geram doenças”. Consideramos esse enunciado importante, pois condensa o que é dito em todos os livros de auto-ajuda sobre a saúde. Em segundo lugar, mas não menos importante, o de que “é necessário acreditar para que haja a cura”, pois, tendo o mesmo preceito defendido por autores da auto-ajuda tradicional, aponta para a confirmação da hipótese lançada por Brunelli, a de que a manifestação da certeza será um dos traços semânticos do discurso da auto-ajuda.

Vejamos alguns exemplos que saturam o conteúdo do primeiro enunciado básico:

- (01) E todas as emoções negativas são projetadas em forma de doenças (CAIRO, 1999, p. 26)
- (02) Se a doença persiste, descubra qual é a emoção negativa que você vem alimentando em seu coração e “desligue-a” de sua mente, que a somatização desaparecerá (ibid., 1999, p. 41)
- (03) Aí será pior, pois o medo e raiva inconscientizados estão desencadeando as mais diversas reações orgânicas, levando a doenças muitas vezes fatais (PACHECO, 1983, p. 45)
- (04) Mente desarmonizada, negativa, perturbada, transviada, degenerada – produz corpo doentio (TREVISAN, 1998, p. 35)
- (05) A doença é a manifestação dos conflitos interiores. Antes de ocorrer a somatização, a pessoa apresenta problemas de ordem emocional, como angústia, depressão, medo etc. (VALCAPELLI&GASPARETO, 2003, p. 42)

Abaixo, seguem exemplos que saturam o conteúdo do segundo enunciado-básico:

- (06) Quem busca a felicidade é porque acredita nela, portanto, aqui vai um conselho: nunca questione aquilo que poderá conduzi-lo à porta certa (CAIRO, 1999, p. 42)
- (07) Não havendo crença, não haverá cura (TREVISAN, 1998, p. 135)
- (08) Então, você é aquilo que acredita ser (VALCAPELLI&GASPARETTO, 2003, p. 29)

Poderemos comprovar, pela análise da modalidade epistêmica no texto, se a manifestação da crença é, ou não, um dos traços semânticos do discurso em questão. Antes, no entanto, cabe esclarecermos nossos pressupostos teóricos sobre a modalidade e, mais especificamente, a modalidade epistêmica.

As Modalidades

Antes de iniciar a análise da modalidade epistêmica, é necessário termos um conceito operacional de modalidade. No entanto esta tarefa não é nada fácil. Grande parte dos trabalhos a esse respeito fazem essa constatação. Cervoni (1989), por exemplo, inicia seu texto sobre modalidades com o subtítulo “Definição provisória”, e acrescenta em seguida:

A maioria dos lingüistas que abordam a modalidade enfatizam que se trata de um campo particularmente difícil de apreender e apresentam o ponto de vista que adotam como provisório, experimental, *heurístico*. (CERVONI, 1989, p. 55)

Feita essa ressalva, o autor considera a modalidade como uma manifestação de subjetividade sobre um conteúdo dito, ou seja, trata-se da expressão de um ponto de vista do sujeito a respeito desse conteúdo. Essa definição, porém, tem o inconveniente de ser muito ampla, pois abarca outros conceitos ligados à subjetividade, tal como a conotação. O autor afirma, então, que é necessário fazer uma série de exclusões para restringir o conceito de modalidade. Outra alternativa que o autor sugere para o tratamento da questão é um retorno à concepção de modalidade dos lógicos, a modalidade aristotélica.

Realmente, a partir das modalidades aristotélicas surgiram diversos tipos de abordagens, com diferentes pressupostos e, conseqüentemente, diferentes formas de

conceituar a modalidade. Alguns, privilegiando a sintaxe, outros a semântica. Outros, ainda, como Dall’aglio-Hattnher (1995), reconhecem a deficiência de se trabalhar somente com um ou outro aspecto; a esse respeito, a autora afirma:

Observa-se, portanto, que a distribuição sintática irregular das formas modalizadoras nos permite considerar as modalidades como um fenômeno lingüístico resistente a uma abordagem puramente sintática, assim como a polissemia dessas formas também inviabiliza uma sistematização feita exclusivamente a partir da análise semântica. O caminho parece ser, então, a busca de uma sistematização sintática, semântica e pragmática das modalidades. (DALL’AGLIO-HATTNER, 1995, p. 18)

A concepção que se tem de língua, obviamente, também influencia na seleção da abordagem a ser adotada. Uma concepção de língua na qual o sentido das palavras seja fixo e constante, com alguns casos raros de polissemia, irá privilegiar uma abordagem que segue a tradição aristotélica, na qual as modalidades se referem à verdade daquilo que é dito. Por outro lado, de acordo com a nossa concepção de língua, que é a dialógica, entendemos que

a linguagem e os sujeitos que a utilizam (dentro de um grupo social) não cessam de construir o universo referencial, criando ‘modelos de realidade’ relativamente arbitrários, com relação aos quais (e apenas com relação a eles) se torna possível determinar o valor de verdade/falsidade do que se enuncia. (CORACINI, 1991, p. 120),

o que nos leva a um tipo de análise que considere o discurso e o contexto de enunciação. Assim, a modalidade não se limita apenas à expressão da subjetividade do falante, mas também diz respeito ao caráter arbitrário e produtivo da língua. De acordo com o discurso a partir do qual enuncia, o enunciador irá veicular sua atitude em relação ao que é dito, por vezes comprometendo-se, ou afastando-se, de acordo com a estratégia discursiva que esteja empregando.

Tipologia das Modalidades

Basicamente, as modalidades se dividem em aléticas, epistêmicas e deônticas. As aléticas (relativas ao necessário, ao possível, ao impossível, ao contingente) expressam a atitude do falante quanto ao valor de verdade do enunciado. As aléticas, que têm papel fundamental no estudo da lógica, são pouco importantes na lingüística, pois, como nos adverte Neves (1999-2000), “é improvável que um conteúdo asseverado em um ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento, e pelo julgamento do falante” (p.3).

As deônticas (relativas ao obrigatório, ao proibido, ao facultativo, e ao permitido) estão relacionadas ao eixo da conduta. De acordo com Lyons (1977), a modalidade deôntica se aplica a uma proposição relacionada à necessidade ou à possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis. Essa proposição, no entanto, descreve não um ato propriamente dito, mas o estado-de-coisas que será obtido se esse ato em questão for cumprido.

As epistêmicas (relativas ao certo, ao excluído, ao plausível, ao contestável) dizem respeito ao eixo do conhecimento ou da crença. Por serem reveladoras da atitude do falante em relação à sua crença, a modalidade epistêmica será a investigada no presente trabalho, para que seja possível avaliarmos a pertinência da hipótese segundo a

qual a manifestação de certeza é um dos traços semânticos do discurso de auto-ajuda da saúde. Assim, dada a importância desse tema para a realização do presente trabalho, apresentaremos, no próximo item, uma descrição mais detalhada da modalidade epistêmica.

Existe, ainda, outra modalidade, proposta por Palmer (1979), denominada modalidade dinâmica, que se refere à capacidade/habilidade de um ser animado, ou mesmo inanimado, para tornar concreta uma determinada realidade. Segundo Neves (1999-2000), do ponto de vista pragmático, existe um vínculo especial entre a modalidade dinâmica e a epistêmica. Esse vínculo se estabelece verticalmente, em função de uma relação de pressuposição entre as duas modalidades: o falante acredita (modalidade epistêmica) que alguém fará algo porque sabe que esse alguém está capacitado (modalidade dinâmica) para tal. Essa estreita relação com a modalidade epistêmica faz a dinâmica manter-se no quadro de modalidades, apesar de sua natureza factual, que a distingue da primeira.

Alguns autores, como Dik (1989), ainda descrevem outro tipo de modalidade: a evidencialidade, que expressaria a avaliação do falante sobre a qualidade de sua proposição, indicando sua fonte, seja por meio de evidências externas, experiência pessoal ou pelo relato de outra pessoa. A esse respeito, Dall'aglio-Hattner (1995 e 2003), baseando-se nos trabalhos de Nuyts (1993), Dendale&Tasmowski (1994) e Van Valin & LaPolla (1997), apresenta uma opinião diversa, sustentando que a evidencialidade é uma categoria hierarquicamente superior à modalidade. A autora nos esclarece que essa superioridade se dá pelo fato de que, sem a evidência, não é possível fazer qualquer tipo de avaliação de probabilidade; sem ela, resta ao falante simplesmente admitir que não sabe (lembrando que o falante pode apresentar o seu próprio conhecimento como evidência, ou mesmo, ocultar sua fonte).

A modalidade epistêmica

Conforme já dito, em Linguística, há uma grande variedade de trabalhos sobre as modalidades, que diferem, inclusive, em relação à extensão, profundidade, e abrangência de tratamento, mas não se pode dizer que a simples soma desses trabalhos resulte numa descrição satisfatória do processo de modalização em língua portuguesa. Quem nos faz essa advertência é Dall'Aglio-Hattner (1995), que analisa a modalização em língua portuguesa seguindo o modelo funcionalista de Hengeveld (1988, 1989) e Dik (1989), segundo os quais a organização da sentença se dá simultaneamente como mensagem e como evento de interação. Foi graças à adoção desse modelo que a autora conseguiu analisar em detalhes os mecanismos segmentais de expressão da modalidade epistêmica em Português e revelar seus efeitos de sentido, pois o modelo lhe permitiu identificar as diferentes instâncias da modalização, assim como identificar quais delas atuam em cada camada da estrutura frasal.

Apesar de seguir o modelo de Hengeveld e Dik, uma grande diferença pode ser notada entre a análise apresentada por Dall'aglio-Hattner (1995) e a desses autores: a autora apresenta um estudo não-fragmentado sobre as modalidades. Hengeveld (1988), por sua vez, divide o eixo do conhecimento em “modalidade objetiva” e “modalidade epistemológica”. Na modalidade objetiva, o falante avalia a realidade de um Estado-de-Coisas a partir do conhecimento dos ECs possíveis. Dependendo da origem desse conhecimento, temos uma nova subdivisão: “objetiva epistêmica”, caso a origem seja a concepção de realidade ou situações hipotéticas do próprio falante, ou “objetiva

deôntica”, caso a origem do conhecimento venha de algum tipo de sistema de convenções morais, legais ou sociais. Na modalidade epistemológica, ou subjetiva, o falante expressa o comprometimento com a verdade de sua proposição. Nesse caso, o falante apresenta um julgamento sobre a informação contida em sua proposição.

A tese principal da autora é a de que existe uma correspondência entre o grau de comprometimento do falante e o nível da estrutura frasal em que atua o modalizador. Segundo ela, na camada da predicação, o falante avalia um EC e se mantém neutro em relação a essa avaliação. Desse modo, o comprometimento do falante com relação à dúvida expressa pelo modalizador pode ser interpretado como baixo. Na camada da proposição, o falante avalia o seu próprio dizer e, assim, se compromete com aquilo que é dito por ele. Assim, segundo a autora, por meio da modalização epistêmica, o falante avalia como **certa** ou **possível** a realidade de um Estado-de-Coisas (EC) ou de uma proposição. É importante ressaltar que, além disso, Dall’Aglio-Hattner define o eixo epistêmico como um *continuum* entre o certo e o possível, e constata que a língua portuguesa dispõe de meios para expressar uma gradação muito sutil entre esses extremos e que há variedades de formas para um mesmo valor. Tudo isso dificulta o estabelecimento de graus nítidos no que se refere à diferenciação das noções semânticas próprias ao eixo epistêmico.

Podemos, agora, passar para a análise da modalidade epistêmica no discurso da auto-ajuda relacionada à saúde.

Análise dos dados

Segundo a hipótese levantada na pesquisa de Brunelli (2004), a manifestação da certeza seria um dos traços semânticos que caracterizam o discurso da auto-ajuda, uma vez que os sujeitos desse discurso “pregam” que o segredo de uma pessoa bem-sucedida está na crença incondicional e absoluta no sucesso. Essa máxima do discurso de auto-ajuda está presente também no discurso de auto-ajuda relacionado à saúde. Vejamos os exemplos a seguir, todos retirados do livro *Cure-se* (Trevisan, 1998):

- (09) Se alguém não quer a saúde, ou não acredita na cura, inibe a ação regeneradora (p.52)
- (10) De pouco vale você desejar a cura se não acreditar nela. (p.54)
- (11) O Mestre foi claro: “Tudo é possível àquele que crê” (p. 55)
- (12) Você pode, se pensa que pode (p.57)
- (13) A fé e a certeza da capacidade de cura ativam, de forma admirável, o sistema imunológico. (p.81)

Essa mesma tese também pode ser encontrada em outros livros do *cópus*, conforme atestam os exemplos abaixo:

- (14) Para que a condição interna se torne realidade, é necessário crer de forma total, visceral, apaixonadamente ou a corporificar tais idéias. (Cairo, p.18-19)
- (15) Você pode ter e ser o que quiser, se conseguir acreditar que tudo é reflexo de si mesmo (ibid., p. 23)

Dessa forma, esperamos que no discurso da auto-ajuda relacionado à saúde a manifestação de certeza também seja um traço semântico característico desse discurso, na condição de um dos traços positivos que o especificam e que a dúvida seja um dos traços rejeitados. Tendo em vista o fato de que a modalidade é o principal recurso de expressão que a língua nos disponibiliza para manifestarmos certeza ou dúvida, para avaliarmos a pertinência dessa hipótese, vamos analisar a modalidade em dois livros do *cópus* (*Cure-se* e *Metafísica da Saúde.*), supondo que o sujeito-enunciador do discurso em questão, certo e confiante do que diz, também não manifeste incerteza com relação às teses que propõe ao seu interlocutor. Considerando a hipótese apresentada, nessa análise, vamos privilegiar os modais epistêmicos, ligados ao eixo do conhecimento, que envolve as noções de certeza e de dúvida. Além disso, embora a modalização seja um "fenômeno que se processa em todos os níveis de organização da linguagem" (Dall'Aglio-Hattner, 1995, p.3), a modalidade é investigada neste trabalho somente por meio de itens lexicais modalizadores (isto é, nomes, verbos, adjetivos, advérbios e locuções). Desse modo, estamos descartando a análise do modo e do tempo verbal enquanto formas de expressão da modalidade, pois, como essas categorias verbais estão presentes em quase todos os enunciados do *cópus*, sua análise não acrescentaria nada de especialmente relevante.

Iniciamos essa análise fazendo um levantamento de todos os modalizadores encontrados no *cópus*. Ao fazer esse levantamento, encontramos muitas ocorrências do auxiliar modal *poder*. Esse verbo pode exprimir diferentes valores: possibilidade, capacidade ou permissão. Falaremos mais a esse respeito mais adiante. Por ora, cabe apenas explicar que, devido a essa ambigüidade, nas tabelas, registramos os casos em que podemos fazer uma leitura epistêmica ou dinâmica do modalizador em questão. Feitas as devidas explicações, apresentamos o resultado desse levantamento por meio das tabelas 1 e 2 abaixo:

Tabela 1: Classificação dos modalizadores presentes em *Cure-se*.

| Modalizador \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|--------------------------|-----------------------|-------------|
| Dinâmico/Epistêmico | 18 | 7,2 |
| Deôntico | 46 | 18,35 |
| Somente dinâmico | 78 | 31 |
| Epistêmico | 109 | 43,45 |
| Total | 251 | - |

Tabela 2: Classificação dos modalizadores presentes em *Metafísica da Saúde*.

| Modalizador \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|--------------------------|-----------------------|-------------|
| Deôntico | 20 | 7,58 |
| Dinâmico/Epistêmico | 62 | 23,48 |
| Somente dinâmico | 67 | 25,38 |
| Epistêmico | 115 | 43,56 |
| Total | 264 | - |

Em *Cure-se*, o número de modais é relativamente baixo, aproximando-se de outros livros da literatura de auto-ajuda tradicional. Conforme podemos conferir na tabela 1, foram encontrados 251 modalizadores nas 328 páginas do livro, o que corresponde a uma média de aproximadamente 0,7 modalizador por página. Na

pesquisa realizada por BRUNELLI (2004), foram encontrados 96 modalizadores em 112 páginas (média de 0,8 modalizador por página), número considerado pequeno pela pesquisadora. Em *Metafísica da Saúde*, no entanto, esse número é expressivamente maior: 264 modalizadores para 181 páginas (média de 1,4 modalizador por página). Da mesma forma, o número de modalizadores epistêmicos é bastante elevado, sendo 109 em *Cure-se*, e 115 em *Metafísica*, lembrando que, dadas as proporções entre página e quantidade de ocorrências, esse último livro apresenta um número mais elevado de modalizadores epistêmicos.

A princípio, um número tão elevado de epistêmicos em ambos os livros poderia invalidar a hipótese levantada, segundo a qual a manifestação da certeza é um dos traços distintivos do discurso da auto-ajuda. Por outro lado, um resultado como esse poderia significar que os textos do corpus selecionado são, em realidade, de um outro discurso, ou seja, que a auto-ajuda relativa à saúde seja um discurso diferente da auto-ajuda ligada especialmente ao sucesso profissional e financeiro. Antes de nos precipitarmos em tais questões, analisemos em que camada da frase esses epistêmicos se encontram. Os dados são apresentados nas tabelas 3 e 4, a seguir:

Tabela 3: Classificação dos modalizadores epistêmicos encontrados em *Cure-se*, de acordo com a camada frasal na qual atuam.

| Nível da atuação \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|-------------------------------|-----------------------|-------------|
| Proposição | 23 | 21,1 |
| Predicação | 86 | 78,9 |
| Total | 109 | - |

Tabela 4: Classificação dos modalizadores epistêmicos encontrados em *Metafísica da Saúde*, de acordo com a camada frasal na qual atuam.

| Nível da atuação \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|-------------------------------|-----------------------|-------------|
| Proposição | 11 | 9,57 |
| Predicação | 104 | 90,43 |
| Total | 115 | - |

Pelas tabelas, podemos perceber uma quantidade expressivamente elevada de epistêmicos no nível da predicação em ambos os livros: 78,9% em *Cure-se* e 90,4% em *Metafísica*. São exemplos desses dados:

- (16) ...primeiro, o fato já é passado. Ocorreu. Pode ter acontecido há dez anos ou ontem. (Trevisan, 1998, p. 48)
- (17) É fora de dúvida que os placebos produzem resultados admiráveis (ibid., 1998, p. 133)
- (18) Inicialmente você pode estranhar essa nova concepção de vida. (Valcapelli & Gasparetto, 2003, p. 16)
- (19) É claro que, se ela falar durante muito tempo, irá ficar com as cordas vocais cansadas (ibid., 2003, p. 71)

Segundo Dall’aglio-Hattner (1995), ao modalizar seu enunciado no nível da predicação, “o falante se utiliza de meios lingüísticos para fornecer ao ouvinte uma descrição de um EC, avaliando o estatuto de realidade desse EC. A predicação apenas dá a descrição de uma situação externa a que o falante faz referência como certa, provável ou possível” (p.91-92). Assim sendo, “ao situar a qualificação epistêmica no nível da predicação, o falante se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado”. Em outras palavras, embora alguns enunciados apresentem modalizadores que expressam possibilidade, a incerteza presente em tais enunciados não é assumida pelo sujeito falante. Esse fato colabora para a sustentação da hipótese inicial, pois significa que dos 224 modalizadores epistêmicos encontrados em todo o corpus, 190 (aproximadamente 84,2%) expressam um julgamento não assumido pelo sujeito falante.

Continuando a análise, apresentamos a qualificação dos 34 modalizadores epistêmicos encontrados em todo o corpus no nível da proposição, nas tabelas 5 e 6 a seguir:

Tabela 5: Classificação dos modalizadores epistêmicos do livro *Cure-se* localizados no nível da proposição, de acordo com sua forma de expressão.

| Tipo de expressão \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|--------------------------------|-----------------------|-------------|
| Nomes | 5 | 21,7 |
| Advérbios | 18 | 78,3 |
| Total | 23 | - |

Tabela 6: Classificação dos modalizadores epistêmicos do livro *Metafísica da Saúde* localizados no nível da proposição, de acordo com sua forma de expressão.

| Tipo de expressão \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|--------------------------------|-----------------------|-------------|
| Advérbios | 11 | 100 |
| Total | 11 | - |

Por essas tabelas, podemos notar que dos epistêmicos encontrados no nível da proposição, mais de 70% em *Cure-se*, e 100% em *Metafísica*, são satélites, ou seja, advérbios ou locuções adverbiais. Segundo Nuyts (1993), o interlocutor recebe a qualificação expressa por esses modalizadores como independente da avaliação do falante. Ou seja, dos 224 modalizadores epistêmicos encontrados, em apenas 5 casos a avaliação realizada é realmente assumida pelo enunciatador. Destes 5 casos restantes, 4 são modalizadores do certo e apenas 1 é do possível. Citamos tal enunciado a seguir:

- (20) Concordo que você tem muitas atividades e compromissos. E que são importantes na sua vida. Concordo que você precisa cumprir suas metas, realizar seus projetos e sonhos. Concordo que você busca o melhor caminho para chegar lá. Só tenho minhas dúvidas se tomou o melhor caminho. (Trevisan, 2003, p. 200)

Nesse exemplo, o falante inicia seu discurso fazendo uma série de concessões ao seu possível interlocutor, concordando com ele, para, somente no final, discordar. Aplicando a teoria de preservação das faces (Brown e Levinson, 1987) a esse exemplo, podemos dizer que o falante, após fazer uma séria de concessões, para não passar por

“mal-educado”, nem invadir o “espaço” de seu interlocutor, ou seja, sua intimidade, em vez de dizer que discorda (o que seria até esperado para que fosse mantido o paralelismo), diz que não sabe se o interlocutor agiu corretamente. Trata-se, portanto, de uma estratégia de polidez mais do que uma manifestação de incerteza propriamente dita.

Além disso, esta passagem não está diretamente ligada às teses fundamentais do discurso da auto-ajuda da saúde, que seriam, por exemplo: a mente tem poder de mudar a realidade externa, as emoções e pensamentos podem gerar saúde ou doença, etc, conforme o levantamento dos enunciados básicos que realizamos.

O verbo poder

Com o levantamento dos modalizadores, encontramos um número expressivo de ocorrências do auxiliar modal *poder*. Assim, parece-nos pertinente analisarmos o comportamento desse auxiliar no discurso em questão, dada a sua frequência no corpus. Koch (1981) faz um estudo semântico-pragmático sobre esse verbo em língua portuguesa. A autora esclarece que se trata de um dos modais com maior número de matizes de significado. Como já dito anteriormente, o verbo *poder*, do ponto de vista semântico, exprime os seguintes valores: permissão, possibilidade e capacidade. Koch nos adverte ainda que não é raro ocorrer ambigüidade entre esses valores e que a sintaxe, por si só, não dá conta de apontar a uma leitura mais adequada do modal. Por isso, devemos sempre procurar no contexto elementos que nos permitam realizar essa leitura.

De fato, ao realizarmos o levantamento dos modalizadores, notamos alguns casos de polissemia do modal, conforme podemos ver nas tabelas 7 e 8 abaixo, relativas aos valores do verbo *poder* no corpus.

Tabela 7: Empregos do verbo poder no livro *Cure-se*.

| Valor \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|---------------------------|-----------------------|-------------|
| Deontico | 11 | 6,3 |
| Epistêmico e dinâmico | 18 | 10,2 |
| Exclusivamente Epistêmico | 69 | 39,2 |
| Exclusivamente Dinâmico | 78 | 44,3 |
| Total: | 176 | - |

Tabela 8: Empregos do verbo poder no livro *Metafísica da saúde*.

| Valor \ Quantidade | Número de ocorrências | Porcentagem |
|---------------------------|-----------------------|-------------|
| Deontico | 7 | 3 |
| Epistêmico e Dinâmico | 62 | 26,8 |
| Exclusivamente Dinâmico | 67 | 28,9 |
| Exclusivamente Epistêmico | 96 | 41,3 |
| Total: | 232 | - |

Pelas tabelas, podemos notar que, em ambos os livros do corpus, o número de modalizadores com valor epistêmico é praticamente o mesmo (em torno de 40%). Isso poderia significar que a leitura epistêmica é menos favorecida com relação à soma dos

outros valores do verbo poder (em torno de 60%), o que, por sua vez, apontaria para a confirmação da hipótese lançada. No entanto, verificamos, no livro de Valcapelli & Gasparetto (tabela 8), um número maior de modalizadores com valor exclusivamente epistêmico (41%) em comparação aos exclusivamente dinâmicos (28,8%).

Antes de nos precipitarmos na interpretação desses dados, devemos atentar para os casos em que há tanto o valor epistêmico, quanto o dinâmico. Como dito anteriormente, a ambigüidade do verbo *poder* só pode ser devidamente esclarecida ao analisarmos o contexto na qual ele está inserido; neste caso, o contexto é o discurso da auto-ajuda da saúde. Assim, vejamos um exemplo retirado do livro de Valcapelli & Gasparetto (2003):

- (21) Por exemplo: uma criança que presencia muitas discussões entre os pais ou irmãos pode desenvolver a crença de que a vida conjugal ou familiar é um constante atrito (p.57)

A princípio, para um enunciado como este, uma leitura epistêmica poderia ser a mais esperada. No entanto, conforme já dito, devemos considerar o contexto discursivo para realizarmos a leitura mais adequada do modal. Para tanto, vale lembrarmos o que a análise dos enunciados básicos do discurso em questão nos revelou, ou seja, que se trata de um discurso que afirma a responsabilidade, ou melhor, a capacidade do indivíduo de mudar sua situação quanto à sua saúde. Dito de outro modo: para esse discurso, cada um tem o poder, a capacidade de gerar doença ou saúde. A esse respeito, apresentamos alguns exemplos de enunciados relativos a essa tese do discurso em questão:

- (22) Em você está o médico, o remédio e a cura. (Trevisan, 1998, p. 9)
- (23) A própria pessoa é autora da sua realidade, tanto no que se refere à doença quanto à cura. (ibid., p. 51)
- (24) Qual a explicação plausível para o que acontece de bom ou prejudicial em nossa vida? A resposta é: Você é a causa de tudo! *É o centro de sua vida e senhor se seu próprio destino* (Valcapelli & Gasparetto, 2003, p.15, grifo do autor)

Portanto, resolver os problemas pessoais, sejam eles relacionados à família, ou à saúde, para esse discurso é uma habilidade de cada indivíduo. Desse modo, a paráfrase mais adequada para o exemplo (13) seria então algo como: “a criança que vê seus pais brigando constantemente tem a capacidade de criar uma realidade na qual a vida conjugal, ou familiar, é um constante atrito”. O exemplo (13) é apenas um entre muitos outros casos, nos quais a leitura epistêmica parece mesmo bem menos defensável quando analisada junto ao contexto do discurso da auto-ajuda da saúde. Assim, para esses casos, considerando o contexto discursivo, podemos dizer que a leitura dinâmica, embora não invalide completamente a epistêmica, certamente a enfraquece de modo considerável.

Como dito anteriormente, o verbo *poder* com valor de capacidade, segundo Palmer (1979), não se aplica somente a seres animados, mas também a seres inanimados, indicando que eles têm as qualidades necessárias ou o “poder” para provocar a realização de um evento, conforme parece ser bem o caso exemplo abaixo:

- (25) Outra situação que pode desencadear as causas metafísicas da doença é a da criança que se decepciona com seus pais (Valcapelli & Gasparetto, 2003, p. 59)

Sabendo que, na auto-ajuda da saúde, as emoções negativas geram doenças, fica fácil compreendermos que o exemplo (17) pode ser parafraseado da seguinte forma: “Outra situação que tem as condições para desencadear as causas metafísicas da doença é a da criança que se decepciona com seus pais”.

Como a leitura dinâmica do modal *poder* é a favorecida pelo contexto da auto-ajuda da saúde, somos levados a reinterpretar o quadro de porcentagens, principalmente no que se refere ao livro de Valcapelli & Gasparetto (2003), transferindo as ocorrências de modais com valor ambíguo (epistêmicos e/ou dinâmicos) aos exclusivamente dinâmicos. Com isso, podemos dizer que, no discurso de auto-ajuda da saúde, há uma ocorrência significativa (255 casos entre 408, ou seja, 55% das ocorrências) do modal poder com valor dinâmico. Esse resultado vai ao encontro dos resultados do trabalho de Brunelli (2004), que notou que, no discurso de auto-ajuda, o verbo poder é mesmo mais dinâmico do que epistêmico, o que, por sua vez, contraria os resultados da pesquisa de Neves (1999-2000), segundo a qual o verbo poder é empregado essencialmente como epistêmico em língua portuguesa. A esse respeito, Brunelli considera que o discurso de auto-ajuda segue uma tendência contrária à maior parte dos discursos correntes a partir dos quais os sujeitos enunciam, já que é bem mais otimista que esses discursos. Sendo assim, o discurso de auto-ajuda, inclusive o relativo à saúde,

desperta, ou melhor, revigora no verbo *poder* o matiz de sentido dinâmico que se encontra por trás do seu valor epistêmico. Embora o valor dinâmico sempre esteja presente nos empregos epistêmicos do verbo poder (conforme o esquema apresentado por Neves (1999-2000)), ele não se manifesta necessariamente em qualquer discurso, ao contrário do que acontece com o discurso da auto-ajuda, que resgata esse valor, o que provoca, certamente, um enfraquecimento no valor epistêmico deste auxiliar como recurso para manifestar incerteza. (BRUNELLI, 2004, p. 32)

Entretanto, ainda encontramos um número significativo de ocorrências (aproximadamente 41% do total de ocorrências do verbo poder) nas quais somente o valor epistêmico é ativado. Esse resultado poderia contrariar a hipótese segundo a qual a manifestação de certeza é um dos traços semânticos do discurso de auto-ajuda da saúde, já que se trata de casos, em sua maioria, de manifestação de dúvida. Entretanto, como são epistêmicos de predicação o efeito de sentido desses modais é o descomprometimento do falante com relação àquilo que é dito. Como já dito anteriormente, segundo Dall’Aglia-Hattner, “ao situar a qualificação epistêmica no nível da predicação, o falante se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado” (DALL’AGLIO-HATTNER, 1995:92). Novamente, temos um sujeito enunciativo que se esquivava do comprometimento aos seus julgamentos de possibilidade.

Conclusão

O objetivo principal do trabalho foi questionar a hipótese lançada por Brunelli (2004), segundo a qual a manifestação da certeza é um traço semântico do discurso da auto-ajuda. Decidimos investigar um subtipo da literatura de auto-ajuda, aquela voltada exclusivamente para a saúde, fazendo o levantamento dos enunciados básicos do discurso em questão, para em um segundo momento, fazer o levantamento dos modalizadores epistêmicos para poder analisá-los em seguida.

O levantamento dos enunciados básicos, em um primeiro momento, confirmou nossas expectativas, apontando para a semelhança entre os discursos. Tanto na auto-ajuda investigada por Brunelli, quanto na auto-ajuda da saúde, foram encontrados enunciados básicos (enunciados cujo conteúdo é saturado por meio de paráfrases) referentes à importância da crença para que se possa atingir o sucesso (nos negócios, na saúde, etc.). No entanto, a importância que se dá a esses enunciados básicos ocorre de maneira diferente nos dois tipos de auto-ajuda. No discurso investigado por Brunelli, esse enunciado é o mais importante de todos, enquanto no discurso da auto-ajuda ele se mostra periférico.

Embora haja essa diferença, fica constatado que na auto-ajuda da saúde também existe a importância da crença e, dessa forma, a presença esperada da manifestação da certeza como um traço semântico do discurso em questão. Assim, procedemos para a segunda parte, o levantamento dos modalizadores epistêmicos e sua análise.

A análise confirmou a hipótese lançada, pois, embora tenhamos encontrado um número expressivamente alto de modalizadores epistêmicos no corpus, praticamente todos não expressavam dúvida assumida pelo falante. Além disso, os enunciados que apresentavam dúvida efetivamente assumida pelo falante tinham caráter de certeza e não estavam diretamente ligados às teses do discurso de auto-ajuda.

Assim, temos caracterizado um enunciador que foge do terreno da incerteza, esquivando-se comprometimento com relação às suas manifestações de dúvida, utilizando-se, consciente ou inconscientemente, de recursos lingüísticos, como a qualificação do modalizador epistêmico na camada frasal da preposição, camada em que ocorre a qualificação de um EC, enfatizando o valor de mensagem de um enunciado e não seu valor de evento de interação.

Além disso, a análise do verbo *poder* indicou, também, a preferência pelo valor dinâmico em relação ao valor epistêmico do modal. Por esse motivo, os casos em que tanto uma leitura epistêmica, quanto a dinâmica, eram possíveis, foram contados como modalizadores dinâmicos.

Por outro lado, é interessante notar a diferença existente tanto em relação aos enunciados básicos, quanto em relação ao número de modalizadores encontrados, entre os dois livros do corpus, e entre os livros do corpus da presente pesquisa e o da pesquisa de Brunelli (2004). Tal diferença, como visto, não invalidou a hipótese apresentada, mas convida a investigações mais aprofundadas para descobrir a causa de tal fenômeno. Possivelmente, essa discrepância se deva ao fato de que o discurso em questão trata de uma temática delicada, pois sua tese principal é considerada de difícil aceitação: afirmar que o poder da mente possa curar o corpo de qualquer doença, inclusive o câncer, é, para muitas pessoas, inacreditável. De qualquer forma, este é um assunto para pesquisas futuras, assim como a questão dos evidenciais, que são marcas da fonte da informação. Parece pertinente estudá-los, uma vez que o sujeito-enunciador do discurso da auto-ajuda da saúde se vale constantemente de outras fontes de informação, como cientistas e autores religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some universal in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

- BRUNELLI, A.F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*. 149f. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CAIRO, C. *Linguagem do Corpo*. São Paulo: Mercuryo, 1999.
- CERCATO, N. C. S. *As interfaces do discurso de auto-ajuda: análise em autores brasileiros na perspectiva discursiva*. Salvador, 2007. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Universidade Federal da Bahia – UFBA.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- CORACINI, M.J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ/ Campinas: Pontes, 1991.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. Araraquara, 1995. 163f. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.
- _____. Modalidade e evidencialidade: forma e função. Relatório Científico. FAPESP/UNESP, 2001. 59f.
- DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. Présentation. L'évidentialité ou le marquage des sources du savoir. *Langue Française*, v. 102, p.3-7, 1994.
- DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989
- FIORIN, J.S. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a Functional Grammar of Spanish. *J. Linguistics*, v.6, p.227-69, 1988.
- _____. Layers and operators in Functional Grammar. *J. Linguistics*, v.25, p.127-57, 1989.
- KOCH, I. G.V. O verbo poder numa gramática comunicativa do Português. *Cadernos da PUC: Arte e Linguagem*. São Paulo: Cortez, n.8, p.103-113, 1981.
- _____. A questão das modalidades numa nova gramática da Língua Portuguesa. *Estudos Lingüísticos*, Araraquara, p.227-36, 1986.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v.2
- MAINGUENEAU, D. *Sémantique de la polémique*. Lausanne: L'Age d'homme, 1983
- _____. *Gênese du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.
- NEVES, M.H.M. A modalidade: um estudo de base funcionalista na Língua Portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, vol.XXIII, p.97-123, 1999-2000.
- NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, v. 31, p.933-69, 1993.
- PACHECO, C.B.S. *A cura pela consciência*. São Paulo: Próton, 1983.
- PALMER, F.R. *Modality and the English Modals*. New York: Longman, 1979.
- SOBRAL, A. U. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase parasitária de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em

Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP

TORRES, João Rafael. *Revista do Correio*, Correio Braziliense, Brasília, 16 de abril de 2006, p. 16.

TREVISAN, L. *Cure-se você é seu próprio remédio*. Santa Maria: Mente, 1998.

VALCAPELLI & GASPARETTO, L.A. *Metafísica da Saúde* - Vol.1. São Paulo: Vida e Consciência, 2003.

VAN VALIN, R.D. & LA POLLA, R.J. *Syntax. Structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

